

A IMPORTÂNCIA DO CONTEÚDO DOS MATERIAIS QUE SÃO OFERECIDOS ÀS CRIANÇAS: um caminho para os livros infantis

THE IMPORTANCE OF THE MATERIAL OFFERED TO CHILDREN: a path for children books

Ana Paula Britski Puga¹

Lenise Maria Ribeiro Ortega²

RESUMO

A violência e o consumismo são realidades em nossa sociedade que têm repercussões negativas nas crianças. Inseridos nesse contexto, os materiais infantis que lhes são oferecidos para ler, brincar ou assistir refletem elementos nocivos que a criança reproduz em suas atitudes e, mais preocupante, farão parte do seu caráter. O artigo destaca a importância de se oferecer à criança materiais infantis com conteúdo diferenciado, a responsabilidade do adulto na escolha dos livros infantis oferecidos às crianças, e apresenta um caminho para favorecer uma formação mais humana das crianças.

Palavras-chave: Materiais infantis pedagógicos. Livros infantis. Proteção da infância.

ABSTRACT

Violence and consumerism are realities in our society that have negative repercussions on children. Inserted in this context, the children's materials that are offered to them to read, play or watch reflect harmful elements that the child reproduces in their attitudes and, more worryingly, will be part of their character. The article emphasizes the importance of offering children's materials with differentiated content, the responsibility of the adult in the choice of children's books offered to children, and presents a way to favor a more humane formation of children.

Keywords: Pedagogical children's material. Children's Books. Childhood protection.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a violência é uma realidade que permeia nossas vidas, evidenciando-se em muitos setores da nossa sociedade. As crianças, inseridas nesse contexto, refletem em suas

¹ Pós-Graduada em Ensino de Educação Infantil da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. E-mail: apbritski@gmail.com

² Professora da Graduação e da Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. E-mail: lenisemro@gmail.com

atitudes aspectos da violência dentro do ambiente escolar, preocupando os educadores que buscam compreender sua causa e os meios de evitá-la.

Essa busca abriu caminho para a discussão sobre a função da escola na construção da cidadania e da paz, resgatando a importância de se ensinarem valores morais e éticos para crianças e adolescentes, ajudando as famílias na formação do futuro cidadão.

Nesse sentido, devemos nos perguntar, que exemplo e modelo de paz e de cidadania são oferecidos pelos brinquedos, jogos, livros, revistas, filmes e desenhos? Alguns deles não têm sido exemplos de violência ou de forma inadequada de solução de conflitos? Como compreender o outro ser, se o exemplo que se tem é o de disputar, bater ou eliminar, disseminado desde algumas gerações nos desenhos animados e revistas em quadrinhos?

Acostumar-se com a violência é uma forma de banalizá-la, tornando-a “aceitável” na sociedade e trilhando um caminho contrário ao da paz.

Fora da escola, é possível perceber que, muitas vezes, os adultos não têm o cuidado de examinar o conteúdo dos desenhos que seus filhos assistem na televisão ou nos aplicativos para *tablet* e *smartphone*, pois consideram que, por serem apenas “desenhos”, subentendem que são “adequados” para as crianças. Comumente, os pais acreditam que se, quando crianças, assistiam desenhos que, para eles, eram “inofensivos”, os desenhos que seus filhos veem hoje também o são; falta-lhes a percepção do mal que alguns deles podem fazer para a mente e a sensibilidade infantis.

Em um momento em que a discussão sobre a introdução do lúdico na formação e aprendizagem da criança ganha força em nosso país, a reflexão sobre o conteúdo do que é oferecido para a criança ler, assistir e brincar deve ser considerada com atenção, principalmente às crianças na primeira infância.

A criança desenvolve-se por meio dos estímulos e dos exemplos que recebe. Desde bem pequena, aprende a andar, a falar, a abotoar a roupa, a amarrar o cadarço do tênis, imitando seus familiares e amigos. A criança requer atenção por parte do adulto que está ao seu lado, pois ela assimila os elementos do mundo em que vive, os quais serão o apoio para seu desenvolvimento intelectual, moral e sensível. A criança absorve o que o adulto lhe apresenta e o conteúdo do que é oferecido para ela brincar e se divertir também participa da sua formação, sendo, muitas vezes, exemplos de comportamentos. O adulto, portanto, tem grande responsabilidade em oferecer à criança um ambiente feliz e construtivo, propiciando experiências de convivência, de aquisição de conhecimento e desenvolvimento de suas possibilidades que irão definindo suas características como ser humano.

No entanto, muitos elementos negativos estão presentes nos brinquedos, jogos, filmes, desenhos, livros e revistas oferecidos às crianças, em especial o estímulo à violência. Se a criança brinca de ser violenta, imitando seus heróis, como é possível que isso não a influencie? Como será o jovem, o adulto de amanhã que recebeu, quando criança, exemplos de violência de forma “divertida”, ou seja, brincando? Como a criança indefesa consegue saber que a violência de uma brincadeira ou de uma história não é para ela repetir? Como saber se algo não é bom para a sua vida se foi oferecido pelas pessoas em quem ela confia e que se constituem sua referência? A mente da criança é incipiente, ainda precisa construir seus critérios do que é certo e errado, e o adulto é responsável por filtrar os critérios para ela, oferecendo elementos de qualidade para a formação do seu caráter. Os valores que irão compor o caráter da criança serão a base de sua formação moral e irão determinar as suas ações futuras na sociedade, por isso requerem que o adulto esteja atento ao conteúdo do que lhe é oferecido na infância, desde a mais tenra idade.

Desse modo, o objetivo do artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa que procurou evidenciar a necessidade de se fazer uma reflexão sobre o conteúdo dos materiais direcionados para o público infantil. Para tanto, apresenta-se a experiência de um grupo que se uniu em uma Associação (Educore) para produzir literatura infanto-juvenil de conteúdo diferenciado. Por sua natureza exploratória, optou-se pela entrevista estruturada com os adultos e semiestruturada com as crianças. Participaram quatro tipos de sujeitos: Direção da Educore, Conselho Editorial da Educore, Pais e Crianças. Os sujeitos adultos são nove, sendo dois do corpo diretivo da associação, dois do corpo editorial da associação, e cinco pais que leram os livros aprovados pela Associação. As crianças são seis, com idade de 5 anos, que leram os livros aprovados pela Associação. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Todos os sujeitos adultos e os responsáveis pelas crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a publicação dos dados coletados. As perguntas foram organizadas em três categorias: objetivos, critérios e influência do conteúdo dos livros infantis no desenvolvimento da criança. Após a coleta, os dados foram organizados e sistematizados e, a partir de então, foi realizada uma análise por meio da triangulação das respostas, considerando-se as três categorias estabelecidas e os três tipos de sujeitos, o que permitiu a análise qualitativa do objeto de estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para discutir sobre a importância dos conteúdos dos materiais que são oferecidos às crianças, é importante perguntar: como a criança vê tudo aquilo que o mundo do adulto lhe apresenta?

Quando uma criança chora de medo de alguma imagem que a impressionou, a tendência comum do adulto é dizer-lhe: “Bobagem, vai passar...”, sem buscar a causa e entender o que se passou com a criança. Isso é comum de observar quando nos encontramos em espaços públicos, como, por exemplo, o Parque da Mônica, no qual as crianças têm a oportunidade de se encontrarem com personagens das histórias das revistas em quadrinho. Muitas crianças ficam assustadas quando eles vão ao encontro delas para abraçá-las, pois elas esperam encontrar nos personagens crianças como ela. É possível que, ao encontrá-los, elas se perguntem: “Cadê as crianças?” A lógica da criança é simples, ela constrói o seu mundo baseada nas suas vivências e pode ser que elas nunca tenham visto um boneco como aquele, do tamanho de adulto.

Se fizermos um esforço para recordar alguma imagem que nos impressionou na infância, certamente encontraremos pelo menos uma. E essa imagem ainda está dentro de nós, quando adultos. Como funciona isso? Ainda não conhecemos todas as incógnitas sobre o funcionamento da mente e da sensibilidade humanas, mas já avançamos em alguns estudos.

CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA E SUAS NECESSIDADES NATURAIS

A criança brinca naturalmente e o brincar faz parte da sua natureza. Segundo Kishimoto:

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

A criança precisa brincar! Por meio das brincadeiras, ela se desenvolve social e cognitivamente e conquista a sua autonomia. Mas precisa aprender a brincar. Kishimoto (2010, p. 1) considera que “A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos.” O adulto media a brincadeira, introduzindo sua visão de mundo para a criança. Mas essa visão pode conter elementos nocivos sem que o adulto se dê conta disso, pois, estando em formação, ela absorve, do ambiente em que se

encontra, muitas informações que irão fazer parte da sua construção interna. Portanto, a criança aprende a brincar, mediada pelo adulto e a partir de suas observações; com esses elementos somados à sua imaginação, imita a realidade transferindo-os para as suas brincadeiras. A criança reproduz o que aprende nas suas brincadeiras. Ela brinca com o que aprende!

Segundo Vygotsky (1991, p. 36), a memória da criança é a que se manifesta primeiro no desenvolvimento da mente: “[...] do ponto de vista do desenvolvimento psicológico, a memória, mais do que o pensamento abstrato, é característica definitiva dos primeiros estágios do desenvolvimento cognitivo [...]”. Ele afirma que “[...] para as crianças, pensar significa lembrar [...]”.

Se você pergunta a uma criança o que é um caracol, ela dirá que é pequeno, que se arrasta no chão, que sai da "casa"; se você lhe pergunta o que é uma avó, ela pode muito bem responder, "ela tem um colo macio". [...] O conteúdo do ato de pensar na criança, quando da definição de tais conceitos, é determinado não tanto pela estrutura lógica do conceito em si, como o é pelas suas lembranças concretas. [...] Os conceitos das crianças estão associados a uma série de exemplos e são construídos de maneira semelhante àquela pela qual representamos os nomes de classes de elementos (VYGOTSKY, 1991, p. 36-37).

A criança é sensível às impressões do ambiente. Pode-se comprovar facilmente esta realidade observando-a no seu desenvolvimento, no que reproduz como aprendizagem, nas brincadeiras e no que verbaliza. Essa afirmação pode ser exemplificada com a observação que fizemos de crianças pequenas brincando em sala de aula: percebemos que um menino assistia a determinados desenhos de super-heróis em casa, pois reproduzia as façanhas dos personagens em suas brincadeiras, enquanto que outro menino, possivelmente, acompanhava o pai em suas atividades rurais, pois, brincando, reproduzia determinadas tarefas próprias daquele ambiente. Nesse sentido, que cuidados e elementos as crianças estão recebendo?

Os adultos têm uma grande responsabilidade diante das crianças, principalmente com as menores, selecionando os melhores elementos, oferecendo sempre aquilo que as inspire a fazer o bem e a serem valentes para enfrentar as dificuldades da vida com valores morais e éticos. Enfim, que tudo aquilo que entre em contato com sua sensível percepção do mundo, repercute de forma moralmente elevada.

A MORAL É APRENDIDA

Afinal, o que é moral e qual a consequência do negativo para a criança?

Vázquez, citado por Marconi (2007), afirma que:

Por moral, entende-se o conjunto de normas, regras, valores e princípios que orientam o comportamento do homem. Trata-se das diretrizes axiológicas que se destinam a guiar a conduta do sujeito com vistas ao exercício das virtudes, à conquista do bem, à prática da justiça (VÁZQUEZ apud MARCONI, 2007, p. 196).

Yves de La Taille (2017), especialista nesse tema, descreve a moral como um conjunto de normas que propicia o respeito à liberdade, à dignidade e à justiça e que ela é aprendida e se desenvolve, alcançando vários níveis, como na matemática. La Taille (2017) afirma, também, que “ética são costumes, e costumes não nascem inscritos no DNA de ninguém, por isso, as influências sociais são essenciais na formação ética e moral”.

Se a criança assimila os elementos do ambiente, se a conduta do adulto tem influência na sua formação moral e, como La Taille (2017) ressalta, a ética é aprendida pelo exemplo dos pais e da escola, o adulto tem grande responsabilidade em sua conduta diante de uma criança. É ingenuidade pensar que a criança não está observando, que ela está apenas distraída, brincando. A criança capta, sim, o que está por perto, mesmo que não entenda.

À medida que compreendemos melhor como ocorre a formação mental e sensível da criança, a responsabilidade do adulto aumenta. Se o adulto orienta a criança de uma forma, mas sua conduta não é exemplo do que foi dito, dando um exemplo diferente do que foi orientado, como isso repercute na criança? Será que ela tem a capacidade de perceber que o exemplo dado não está correto?

O principal que os pais devem ter em mente é que crianças são extremamente observadoras. Elas olham muito, apesar de ainda não serem capazes de raciocinar ou fazer deduções com aquilo que estão vendo. O comportamento dos pais, portanto, é essencial. Principalmente porque, desde pequenos, os filhos percebem as contradições entre o discurso dos pais e sua prática. Eles notam as contradições éticas. E isso fica lá guardado com a criança, que constrói, em cima disso, seus próprios costumes e atitudes (LA TAILLE, 2017).

A criança constrói o conhecimento do que é certo e do que é errado com a ajuda do adulto. Ela confia no adulto e o exemplo que ele dá é mais eloquente do que as palavras.

A moral, portanto, faz parte dos valores e princípios que o ser humano constrói para si e que guiará sua conduta, sempre na direção do bem e da justiça. A expressão da moral na conduta é a ética. A moral surge do sentir, da parte mais pura e elevada do ser humano. Os valores que compõem a moral vão tocando a sensibilidade da criança, que vai absorvendo e formando o seu próprio acervo moral. Assim, o cuidado com a sensibilidade da criança, acercando-lhe elementos nobres, positivos e de bem favorecerão a construção de uma moral firme e elevada. Seria isso o que estamos oferecendo às nossas crianças?

O QUE ESTÁ SENDO OFERECIDO ÀS CRIANÇAS

Se a criança aprende por meio da brincadeira, e cada vez mais isso tem sido evidenciado, inclusive se a tem utilizado como um recurso pedagógico, o que é oferecido à criança não pode ser apenas entretenimento ou passatempo. O que é oferecido à criança deve conter um valor pedagógico, além de colaborar em sua construção moral. Dessa forma, estamos diante da necessidade de rever os conteúdos dos brinquedos, dos jogos, dos livros, das revistas, dos filmes e dos desenhos que lhes são oferecidos.

Ao brincar, a criança constrói significados que vão permanecendo em sua mente e tocando sua sensibilidade, portanto, o que ela experimenta de um filme, de um desenho, de uma leitura ou de um brinquedo ou jogo, inevitavelmente a tocará. No momento que a toca, já está ocorrendo a sua construção. Daí, a grande e importante tarefa do adulto de conhecer o conteúdo daquilo que é oferecido à criança.

Porém, esse conteúdo é fruto do que a sociedade vivencia e valoriza. Gonçalves (2012) assim descreve o momento que estamos vivendo:

O imenso avanço tecnológico e científico trouxe, sem dúvida, muitos aspectos positivos para a humanidade com o desenvolvimento nas áreas da comunicação, saúde e transportes. Trouxe, ao mesmo tempo, problemas extremamente graves: o próprio ser humano parece ter perdido o sentido profundo da vida e do desenvolvimento, até o ponto de pôr em risco a própria sobrevivência da vida humana, ou ameaçar a possibilidade de vida para as gerações futuras. Época duríssima, de contradições e paradoxos, ambiguidades e angústias. Podemos questionarmos se o uso de nossa capacidade tecnológica não está contribuindo para a coisificação do homem e a humanização das coisas: enquanto, por um lado, nosso tempo parece valorizar a pessoa, por outro, a reduz a mercadoria descartável, a aquisição de bens materiais e o lucro parecem tornar-se mais importantes do que dignidade e solidariedade (GONÇALVES, 2012, p. 1).

A importância que o consumismo tem assumido em nossa sociedade, nas últimas décadas, tem tido repercussão na vida da criança que passou a ser vista com um potencial consumidor.

Araújo (2010), preocupada com o que a nossa cultura tem oferecido à criança, cita Brougère (1995, p. 3) ao dizer que a televisão “fornece às crianças conteúdo para suas brincadeiras”, o que limita a qualidade das experiências vivenciadas pelas crianças. A autora compreende que “se é brincando que a criança expressa e reelabora suas percepções de mundo, é preciso criar espaços para que ela possa vivenciar tal experiência”, sem direcioná-la. E acrescenta:

Os brinquedos, que estão ligados às transformações do mundo, participam da construção da infância, que é vivida diferentemente conforme a época, cultura e classe social. O lugar que o brinquedo ocupa depende do lugar que a criança ocupa na sociedade. Observa-se que esse lugar da criança vem tendo destaque pelo mercado consumidor, que a considera uma consumidora em potencial. Sendo a criança o destinatário legítimo do brinquedo, este vem ocupando um lugar de destaque, muitas vezes sendo mais valorizado que a própria brincadeira da criança (ARAÚJO, 2010, p. 5).

Com o objetivo econômico, o material que tem chegado às crianças carece de cuidado com seu conteúdo, que apresenta pouco ou quase nenhum objetivo pedagógico. A variedade e o volume do que é produzido para consumo dificultam a reflexão sobre o conteúdo desses materiais e suas repercussões nas crianças. Além disso, com os avanços tecnológicos, as informações são transmitidas com maior rapidez, porém com menos controle sobre o conteúdo dos mesmos: rapidamente chega o que é bom, como também o que não é bom, e os responsáveis, muitas vezes, não conseguem discriminar e selecionar. Apenas a diversão tem sido o objetivo da maioria dos jogos, brinquedos, filmes, revistas, desenhos e livros.

Cintra, Proença e Jesuino (2010, p. 233-234) descrevem esta situação, ao analisá-la sob a ótica da teoria de Vygotsky (2003) e de Ariés (1986):

[...] é possível verificar a influência que o capitalismo proporciona na infância da criança, bem como seus aspectos negativos, como o individualismo, a mercadoria, o consumo, a alienação, dentre outros. O ambiente social contemporâneo, isto é, o meio da sociedade capitalista, cria, devido a seu caótico sistema de influências, uma contradição radical entre a experiência precoce da criança e suas formas de adaptação mais tardias (VYGOTSKY apud CINTRA, PROENÇA E JESUINO 2010, p. 233-234).

[...] a criança era considerada “um adulto” em miniatura no período medieval, e hoje não é muito diferente. Vivem um “faz-de-conta” que não oferece fatores positivos ao seu desenvolvimento, reproduzem o adulto de hoje, influenciado pela sociedade capitalista. Estamos num momento em que a sexualidade está aflorada, e a mídia é o recurso no qual as crianças têm acesso a ela. No Brasil, ainda não existe nenhuma Lei que proíba a propaganda com a criança, muitas passam horas se produzindo no estúdio, alimentando as necessidades que o sistema produz. Não estou questionando que esses fatores são negativos ao ser humano, mas “queimar etapas” nessa fase seria afastar a criança do seu momento de infância. (ARIÉS apud CINTRA, PROENÇA e JESUINO, 2010, p. 234).

Estamos vivendo um período de consumismo, no qual o interesse é obter o lucro, sem nos preocuparmos com a formação das crianças. O interesse econômico tem estado acima dos valores morais e, sob essa perspectiva, o respeito à criança e ao período da infância não tem recebido a prioridade que necessita, mas sim, o quanto ela é capaz de consumir. Se isso irá antecipar sua vida adulta, diminuindo o período da sua infância, ou torná-la materialista, não é levado em conta. Antecipar a vida adulta da criança propicia lacunas em seu desenvolvimento e na formação do seu caráter. Isso é muito sério! E uma criança materialista, ao se tornar adulta,

não poderá influenciar outras gerações de crianças a se tornarem também materialistas? Triste círculo vicioso em que a humanidade se colocou... É necessário rompê-lo e ver a criança com outro olhar. O adulto deve pensar no que é melhor para a criança e não só no que é melhor para ele. Sendo a infância uma fase formativa da vida, ela exige cuidados e amor, pois, sendo incipiente, ela não possui capacidade de defesa, necessitando da orientação de um adulto responsável que a proteja.

La Taille (2017) ressalta esse cuidado: “A mídia influencia na formação da criança; deve ser regulada e moralizada, pois a criança não tem critério racional e afetivo”. Isso significa que o adulto precisa ter atenção com o que lhe é oferecido e se manifestar em defesa dela. Entendemos que da dedicação dos adultos às crianças de hoje depende a boa formação das gerações futuras.

A CULTURA DA VIOLÊNCIA E A CULTURA DA PAZ

A violência se manifesta na sociedade e tem sido um caminho de investigação por parte de vários estudiosos do meio educacional. Tão comum ela tem se tornado, que vem sendo chamada de “cultura da violência”.

A “cultura da violência” também está no que é oferecido às crianças. É uma extensão dos pensamentos do ambiente. Infelizmente, a “cultura da violência” tem se tornado “consumível”, pois somos invadidos pela violência subliminar sem nos darmos conta dela e sem termos escolhas.

A violência está nos brinquedos, nos jogos, nos filmes, nos desenhos, nos livros e nas revistas infantis. Pode-se observar que alguns personagens “se matam” em defesa de sua ambição ou vaidade e muitos brinquedos têm como objetivo a luta. A violência se expressa nas atitudes e nas palavras, assim como nos exemplos de como solucionar os conflitos das histórias infantis. A violência está nas brincadeiras infantis, gerando uma série de consequências como a que La Taille (2017) cita: “em muitos casos, os agressores acham que a violência é brincadeira – e, se é brincadeira, pode”. É a banalização da violência! Como se a violência, para diversão, fosse permitida. Tudo isso é absorvido pela criança que possivelmente reproduzirá esses “valores invertidos” nas suas atuações.

Quando nos perguntamos sobre o quanto a falta de valores morais pode interferir na formação do caráter da criança, La Taille (2017) responde relacionando a violência à falta de moral: “um agressor demonstra uma lacuna ética ou moral ao humilhar e bater em alguém. É uma fraqueza de senso moral”.

A “cultura da violência” é uma realidade dentro das escolas e, em busca de soluções, mudanças docentes têm ocorrido como, por exemplo, a chamada “cultura da paz”, principalmente, na forma de solucionar os conflitos.

Gonçalves (2012) enfatiza a “cultura da paz” como um caminho na superação da “cultura da violência”:

[...] Cultura de paz é uma cultura de não-violência, que se constrói reatando a ligação do ser humano com o universo, com a natureza e com o próximo.

[...] A cultura da paz precisa ser estimulada. O desejo de paz está em cada um de nós.

[...] Ela está baseada na tolerância, na solidariedade, no compartilhamento cotidiano, no respeito a todos os direitos individuais e na busca de soluções criativas para os problemas, por meio do diálogo, da negociação e da mediação.

Estimulando o que há de melhor no outro para tê-lo como parceiro, a cultura da paz considera a adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância – entendida não só como um dever de ordem ética, mas igualmente como uma necessidade política e jurídica, uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz.

Além disso, o respeito pela diversidade cultural, o que não significa aceitar todas as ideias, crenças e comportamentos como se fossem iguais e fossem promotoras de todos os valores indistintamente. Devemos escolher, entretanto, os valores que favorecem a vida em comum de forma pacífica e o respeito pelos direitos individuais e coletivos – e o entendimento em todos os níveis da sociedade e nações. (GONÇALVES, 2012, p.11-12).

A “cultura da violência” estimula o que há de “pior” no ser humano, enquanto a “cultura da paz” estimula o que há de “melhor”. Infelizmente, a “cultura da violência” vem sendo oferecida às crianças desde muito pequenas e simplesmente estamos deixando acontecer. Não está faltando algum limite nisso tudo?

Outro aspecto a ser analisado é a carência de limites ou o seu excesso fazendo com que surjam, no indivíduo, insegurança e perda de um marco de referência. Precisamos de mais princípios e menos regras. Os princípios são os pilares de uma sociedade. As regras, as normas, as leis devem estar a serviço dos princípios, e não o contrário, pois as regras sem princípios geram violência (GONÇALVES, 2012, p. 10).

O que é oferecido às crianças (brinquedos, livros, revistas, filmes e desenhos) necessita ter por base princípios: conteúdos que sejam regidos por princípios morais e sociais de convivência humana. Princípios de honestidade, lealdade, justiça, generosidade, tolerância, respeito, gratidão e afeto, dentre outros, formam a base dos valores morais, nos quais a ética se apoia.

A criança precisa ser protegida contra elementos nocivos à sua formação moral e sensível. É um direito da criança ter essa proteção.

OS LIVROS INFANTIS PARA AS CRIANÇAS

Direcionando-nos ao que podemos fazer em relação aos livros infantis, ressaltamos que eles podem ser usados como ferramentas úteis e importantes no desenvolvimento da criança. Os livros infantis favorecem a aquisição de conhecimentos.

[...] a leitura oferece uma infinidade de conhecimento, é a porta que, uma vez aberta irá oferecer riquezas para o intelecto de um indivíduo, que irá formar uma nova mentalidade. E proporcionar às crianças o contato com a leitura, antes de tudo, é uma responsabilidade com a formação dos adultos de amanhã. [...] enquanto a criança absorve as informações contidas em um livro, sua capacidade de compreensão aumenta, trata-se de algo grandioso (PEREIRA; FRAZAO; SANTOS, 2012, p. 3).

Pereira, Frazão e Santos (2012, p. 3), ao destacarem a importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança, citam Coelho (2000, p. 15), que afirma:

[...] A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. [...]. É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens (COELHO apud PEREIRA, FRAZÃO, SANTOS, 2012, p. 3).

Os autores citados enfatizam que os livros infantis são necessários para o ser em formação, pois, além de promover o desenvolvimento pedagógico, da fala e da escrita, representam um caminho para adquirir o conhecimento, atendendo a uma aspiração natural do ser humano ao saber. Dada sua importância de não ser apenas um entretenimento, mas, sim, possibilidades de percepção do mundo e caminhos de construção do conhecimento, o cuidado com o conteúdo de livros infantis é essencial para se cumprirem os objetivos de uma boa formação.

OS BONS EXEMPLOS NOS LIVROS INFANTIS

Livros que contenham personagens que possam inspirar o cultivo de valores morais e uma ética elevada, com princípios de bem e de justiça, são bons elementos de referência para a construção e o desenvolvimento do potencial humano. Os personagens de um livro infantil podem ser exemplos de conduta ao ensinar como se manifesta um valor na convivência com a família ou com os amigos. O exemplo do valor na conduta do personagem toca sensivelmente a criança e serve de referência para ela.

O livro infantil, portanto, precisa conter elementos que inspirem a criança em sua construção interna, na construção de seus valores e de sua moral.

UM CAMINHO

Um grupo de pais, de avós e de pedagogos identificados pelo amor às crianças e pela insatisfação com o conteúdo dos livros, desenhos e jogos que geralmente são oferecidos a elas, teve uma iniciativa para reverter esse quadro: reuniram-se e formaram a Associação Educare:

Uma ideia daqui, outra dali... Uma observação aqui, outra ali... Foi surgindo um grande ideal... Um fundamento: A mente infantil é terra virgem e fértil e é necessário plantar sementes ótimas, saudáveis e vigorosas que frutifiquem no amanhã... Um grupo de pais, de avós, de pedagogos, nos reunimos munidos de grandes empenhos. Surgiu a Educare: a Associação Educare. “Edu” de educar com conhecimento, com estudos. “Core” de coração: unir ao conhecimento o afeto, o amor, o anelo profundo de acertar.³

E a Associação criou uma chancela, o selo “Pedagogicamente Responsável”:

Da nossa trajetória surgiu o selo “pedagogicamente responsável”; do trabalho da realização deste selo, passou a ser uma mensagem, passou a ser uma diretriz. Hoje, “Pedagogicamente Responsável” se torna uma missão, um movimento no qual queremos unir todos os que podem ajudar, juntarem-se a nós, produzindo material de lazer, de estudo, de exemplo e de estímulos; unirem-se a nós neste ideal de oferecer às crianças “todas” algo que crie grandeza, crie seres livres e capazes de viver de uma nova forma. Levar o quê? Aquilo que nos ensinou a sermos mais capazes, mais felizes, que nos ensinou a sermos mais generosos, mais amigos, mais conscientes de uma vida que devemos enobrecer, valorizar, respeitar, amar. Escrever e publicar histórias surgidas do exemplo, da realização. Ensinar com alegria e com consciência do bem que se pode oferecer.⁴

Pedagogicamente Responsável porque propõe material para a diversão infantil e do adolescente a partir de critérios que selecionem imagens positivas que, ao mesmo tempo que distraem, respeitam a realidade do ser humano que se encontra nessa fase de aprender a ver o mundo e nele se inserir de forma positiva, dinâmica, atuante, oferecendo a parte de acerto e apoio que lhe corresponde.⁵

Os pilares do selo Pedagogicamente Responsável são:

Ser comprometido com a disseminação de valores e conceitos humanos elevados.

Disseminação de valores

Propor sempre a reflexão e voltar a observação do leitor sobre sua própria realidade.

Voltar o olhar para si mesmo

Trabalhar dentro da realidade natural para prover a diversão e o aprendizado.

Diversão com aprendizado

³ Esses trechos compõem os documentos internos oferecidos pela direção da Educare, em texto mimeografado.

⁴ Esses trechos compõem os documentos internos oferecidos pela direção da Educare, em texto mimeografado.

⁵ Esses trechos compõem os documentos internos oferecidos pela direção da Educare, em texto mimeografado.

Acompanhar e avaliar a obra com apoio do conhecimento pedagógico.
Suporte de Pedagogos (EDUCORE, 2017).

Figura 1 – Selo Pedagogicamente Responsável



Fonte: EDUCORE, 2017.

A Associação tem estimulado professores, pais, outros familiares e até crianças a escreverem histórias, baseadas em suas vivências, a partir de situações simples do cotidiano, da convivência em família, entre amigos e colegas.

A literatura quer tocar o semelhante em sua realidade sensível, moral e intelectual. Ela deve levar o pensar e o sentir como fruto de uma vivência que comoveu o autor em sua experiência pessoal, ensinando algo que se transformou em uma recordação perene.

Narrar o momento em que uma observação feliz, questionadora, de susto ou apreensão vivido, faz avançar uma aprendizagem útil.

A literatura deve encantar o leitor ou ouvinte em seu interno, deve falar diretamente ao espírito de cada um.

Para isso a história deve ser exemplar, não porque leve uma norma institucional. E sim porque desperta o entusiasmo, o esforço, a alegria de ser capaz, de ter iniciativas, de querer pensar e elaborar propósitos de realização no bem e na criatividade.

A imaginação que é natural e intensa na fase de vida infantil e juvenil, atuando no mecanismo inteligente e sensível, deve mover o leitor ou ouvinte, não para produzir imagens fantasiosas e sim para ampliar no íntimo do ser a observação e a reflexão inteligentes que ampliem suas aspirações, seus ideais, suas iniciativas tanto hoje como no futuro.⁶

A Associação é uma experiência recente, mas tem ganhado projeção no meio educacional, e o grupo fundador espera que esse ideal se estenda para revistas em quadrinhos, além de desenhos, filmes e brinquedos infantis.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O estudo realizado privilegiou, como campo de investigação, o trabalho desenvolvido pela Associação Educore e, para tanto, foram entrevistados dois diretores, dois conselheiros editoriais, cinco pais e seis crianças. Os pais e seus filhos escolhidos para as entrevistas adquiriram os livros infantis com o selo “Pedagogicamente Responsável”, aprovados pelo Conselho Editorial da Educore. As entrevistas evidenciaram importantes conquistas, no que se

⁶ Esses trechos compõem documentos internos oferecidos pela direção da Educore, em texto mimeografado.

refere ao material pedagógico oferecido às crianças no espaço formativo, as quais foram organizadas e sistematizadas em três categorias: objetivos, critérios que regem a produção e escolha do material e a influência dos conteúdos produzidos no desenvolvimento moral das crianças.

No que diz respeito à primeira categoria (objetivos), os dois diretores entrevistados destacaram que os objetivos da Associação Educare são:

Diretor 1: estimular a produção de livros, vídeos e jogos infantis pedagogicamente responsáveis; distribuir amplamente os materiais pedagogicamente responsáveis nas diversas classes sociais e ampliar a consciência dos pais, professores, autores e produtores de livros, vídeos e jogos infantis quanto à importância da seleção dos conteúdos na formação moral e ética das crianças e adolescentes.

Diretor 2: valorizar e estimular autores de livros, roteiristas, produtores de vídeos e desenvolvedores de jogos, de fins educativos, apoiando a produção e a comercialização de suas obras; entrosar-se com instituições públicas e privadas em mútua colaboração com interesses educativos comuns; preparar e providenciar a publicação de notícias relevantes vinculadas aos objetivos e atividades da Associação.

Percebemos que os dois diretores destacam a necessidade de se oferecer às crianças um material pedagógico responsável, dando importância à seleção de seus conteúdos na formação moral delas. O trabalho da Educare, segundo eles, não se limita aos livros infantis, mas deve se estender aos vídeos e jogos infantis, prevendo também a divulgação desse trabalho para todos os envolvidos em educação, ou seja, que se produzam materiais para a infância, ampliando a consciência para um trabalho em “mútua colaboração”, e que ele se estenda a todas as crianças, independente da classe social a que pertençam.

O Conselho Editorial da Educare atua com objetivos específicos na avaliação dos conteúdos dos livros, vídeos e jogos infantis, como apresentados pelas duas Conselheiras entrevistadas:

Conselheira 1: o Conselho Editorial tem por finalidade avaliar os diversos conteúdos que lhes são apresentados, buscando neles um fim útil para o leitor, que, ao mesmo tempo que divirtam, possam inspirar bons pensamentos e atitudes. Daí que seja para nós, de capital importância, a seleção dos conteúdos que as crianças e adolescentes consomem, seja através de livros, vídeos e jogos.

Conselheira 2: O objetivo do Conselho Editorial da Educare é ajudar a identificar um bom material, seja livros, DVDs, Jogos, que possam chegar à Infância e Adolescência para encantá-las e ensiná-las. O Conselho colabora na orientação dos autores, traçando uma linha editorial com altos princípios que possam pautar a produção desse material, além do auxílio, quando solicitado, para revisão de texto, ilustrações e diagramação dando sugestões, quanto ao conteúdo e formatação, visando enriquecer e ampliar os projetos para que esses possam cumprir seus nobres objetivos. Desta forma, o material que contemple esses princípios da EDUCARE pode receber o selo Pedagogicamente Responsável para alcançar esse alto objetivo de espalhar o bem pelo mundo.

Fica evidente, nos objetivos do Conselho, o cuidado com a produção dos livros e demais materiais, bem como o apoio e acompanhamento dos autores, a fim de que possam atingir os princípios estabelecidos pela Educare e recebam o selo “Pedagogicamente Responsável”. Ou seja, que os conteúdos contêm elementos construtivos para a formação moral das crianças, inspirando-as a fazerem o bem. Traçar tais princípios para pautar a produção dos livros, jogos e DVDs, como destaca a Conselheira 2, vem ao encontro do que ressaltamos anteriormente e que fora enfatizado por Gonçalves (2012, p. 10): “Precisamos de mais princípios e menos regras. Os princípios são os pilares de uma sociedade. As regras, as normas, as leis devem estar a serviço dos princípios”.

Quando perguntado a alguns pais que adquiriram os livros da Educare sobre quais são seus objetivos ao oferecerem um livro para seus filhos, eles responderam:

Pai: Oferecer elementos de valor para a formação da nossa filha e despertar o gosto pela leitura e aquisição de novos conhecimentos.

Mãe 1: Que eles se interessem desde cedo pelo hábito da leitura, aumentando seu vocabulário e a vontade de aprender coisas novas.

Mãe 2: Despertar o interesse dos meus filhos pela leitura, aguçar a curiosidade, estimular o questionamento, entretenimento bem distante das mídias, auxiliar no desenvolvimento da faculdade de pensar, tomar contato com conteúdos educativos e aprender sobre ética e bons valores para a vida.

Mãe 3: Adquirir o hábito e o prazer pela leitura. Despertar a vontade pela busca do conhecimento. Entrar em contato com diferentes realidades e lugares através dos livros. Ter contato com a língua escrita. Aprender coisas importantes para a vida.

Mãe 4: São vários: formar o hábito da leitura; despertar o interesse pelo estudo; oferecer como uma forma de conhecer sobre a vida e o mundo; otimizar a leitura e a escrita.

Todos os pais destacaram a importância de criar o hábito da leitura na infância. Destacaram, também, que os livros oferecem novos conhecimentos sobre a vida e o mundo, permitindo o contato com diferentes realidades e lugares. Em suas respostas, os pais mostraram que valorizam os livros como recurso para o desenvolvimento da criança na escrita, na leitura e no aumento do vocabulário, assim como para o estímulo ao questionamento, ao pensar, ao interesse pelo estudo e à vontade de aprender coisas novas, ou seja, a buscar o conhecimento. Dois pais destacaram o conteúdo formativo dos livros, que oferecem “*elementos de valor*”, “*coisas importantes para a vida*” e “*ética e valores para a vida*”.

As crianças entrevistadas responderam, na categoria dos objetivos, a uma pergunta mais acessível ao entendimento infantil, “O que você aprendeu depois de ler o livro?” e indicaram um livro escolhido por ela mesma (algumas escolheram dois), que continha o selo

“Pedagogicamente Responsável”. As entrevistas foram gravadas, com a autorização dos pais, e transcritas, com as próprias palavras das crianças, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 - O que você aprendeu depois de ler o livro?

Criança 1	Livro “O menino que não queria dormir” “O menino não queria dormir”, porque ele queria brincar de tudo. Cada coisa tem uma hora. Tem hora de dormir, tem hora de brincar. Não dá pra brincar tudo num dia. É importante? Sim. Por quê? Importante para quem não sabe a hora... Acorda tarde. É bom ser organizado? Sim.
Criança 2	Livro 1 “A carteira recheada” Tem que devolver as coisas do dono. Livro 2 “Conchinhas para todo mundo” Tem que deixar as conchas para as outras pessoas.
Criança 3	Livro 1 “As gêmeas que ficaram diferentes” Que nunca pode ser tão igual. Livro 2 “Onde Deus mora, papai” (Deus) tá em todo lugar e dentro da gente. Por isso que é o mais importante (este livro).
Criança 4	Livro “Tony & Nina” Eu aprendi que a pessoa que tem dificuldade, para fazer os movimentos do corpo, essas coisas, a gente tem que brincar, ficar amigo, não ficar muito assim: eu não vou brincar com aquela menina não.
Criança 5	Livro “As descobertas de Pedrinho” Eu aprendi que não precisa ter medo do escuro. (O livro explicou isso?) Explicou que no céu tem um montão de estrelas, ele pegou a lanterna e apagou, e o Pedrinho dormiu e não ficou mais com medo do escuro. Quer dizer que lendo um livro a gente pode aprender coisas, aprender o que você aprendeu a não ter medo do escuro? Aham! Pode!
Criança 6	Livro “Onde Deus mora, papai” Onde está Deus? Em tudo. O que é tudo? Nas coisas. Olhando as figuras do livrinho: Na Terra, na arara, no urso, na baleia, na árvore, nos plantas, na flor, em nós.

Considerando que são crianças de cinco anos de idade, as respostas surgiam na medida em que se direcionou a conversa e a novas perguntas. Algumas mais tímidas se manifestavam mais corporalmente do que verbalmente, porém todas com alegria, desfrutando o estarem ali para falar de um livro que elas gostam muito. Apesar de serem crianças pequenas, elas tiveram a capacidade de destacar um valor nas atitudes dos personagens, que consideraram atitudes corretas e de bem, além de ser um elemento prático que tinha relação com o mundo delas. Algumas crianças foram capazes de apontar as consequências negativas que a falta do valor mencionado poderia causar na vida de uma criança. A Criança 3 gostou tanto do livro (livro 2) que o queria emprestar para que fosse lido em nossa casa.

De forma leve, mas sem deixar de ser profunda, cada história escolhida dos livros com o selo “Pedagogicamente Responsável” transmitiu um valor moral à criança, que foi capaz de identificar, cumprindo os objetivos do Conselho Editorial da Educare.

Com relação à segunda categoria, os critérios que regem a Associação Educare, o Diretor 1 explicou sobre a criação do Conselho Editorial:

Junto à Associação Educare nasceu o seu Conselho Editorial porque acreditamos que para chegarmos ao nosso objetivo de estimular a produção de materiais pedagogicamente responsáveis seria fundamental um conselho que apoiasse os autores na produção de obras mais adequadas ao público infanto-juvenil.

E destacou que o trabalho dos associados é voluntário:

A Associação **não tem fins econômicos** e seu trabalho intelectual é feito por voluntários que acreditam na importância deste esforço para uma melhor formação moral e psicológica das crianças. (grifo nosso)

O Diretor 1, ao abordar sobre a criação do selo “Pedagogicamente Responsável”, deu a seguinte explicação:

Para difundir a importância de selecionar obras infantis com cuidado e conhecimento, a Associação Educare criou o **Selo Pedagogicamente Responsável**. Este selo é colocado em toda obra analisada e aprovada pelo Conselho Editorial da Educare (CEE) e no site os pais e educadores encontram a explicação e a fundamentação desta chancela permitindo a difusão das ideias que este cuidado e esta análise permitem. (grifo nosso).

Ele destacou que a Associação Educare, ao contemplar o público de menor renda, tem buscado alternativas interessantes para fazer chegar os livros a essas crianças:

Desde o início, os fundadores da Associação se preocuparam em difundir as publicações e as suas ideias para o grande público. Mas como fazer isso de forma ampla e que contemplasse o público de menor renda se este não tinha condições de adquirir estas publicações de conteúdo moral elevado? Foi pensando nisso que a Educare já nasceu com o projeto **Compre Um Doe Um**, ou seja, para cada livro vendido outro seria doado a uma criança carente ou a uma escola ou biblioteca pública. Esta iniciativa permitiu parcerias com TOMS Shoes e seu projeto One For One, Ministério Público de Minas Gerais, Secretaria de Cultura através da Lei de Incentivo Cultural de MG, Revista Canguru, Um Pé de Biblioteca, entre outras. (grifo nosso).

O Diretor 1 ainda ressalta que a Associação Educare não tem vínculo com correntes políticas ou religiosas:

O trabalho do CEE também é **totalmente desvinculado de toda corrente política e religiosa**, pois apostamos justamente na importância de criarmos crianças independentes e livres para escolherem aquilo que julgarem, no futuro, ser melhor para elas. (grifo nosso)

O Diretor 2 também destacou os critérios que regem a Associação:

Não tem fins lucrativos. Reúne pais, educadores, divulgadores e associados preocupados com a formação moral e espiritual da infância e adolescência. Defende ideias e mensagens sadias, práticas e reais em suas publicações destinadas à infância e à adolescência. É uma associação independente de correntes religiosas, ideológicas e políticas. Pretende levar em seu produto uma mensagem de esperança por um mundo melhor. Propõe o cultivo do afeto e do respeito à realidade infantil e adolescente produzindo materiais adequados à faixa etária a que se destinar.

Evidencia-se para nós, ao ter contato com os critérios que regem a Associação Educare, o trabalho desafiador, porém de muito amor para com todas as crianças e adolescentes, projetando um mundo melhor para a humanidade.

A Conselheira 2, do Conselho Editorial da Educare, explicou o que deve ser considerado ao definir os critérios imprescindíveis para se aprovar uma literatura com o selo “Pedagogicamente Responsável”:

Ser pedagogicamente responsável significa mais que ser um livro que detém um simples selo. É carregar dois grandes objetivos: proteger e ensinar à infância. Proteger das tantas coisas que vemos por aí, que desviam dos caminhos do bem, que levam para imaginações inverossímeis, que contam histórias que nada acrescentam à vida e ainda podem levar a condutas desviadas. Os livros podem e devem ensinar os valores, a vontade de fazer o bem, a valentia para defender o que é certo. Podem ensinar a brincar e a recordar do que há de melhor na infância, dentro da realidade, fazendo gostar do que vivemos e criamos.

E alguns desses critérios, segundo a Conselheira 2, são:

Histórias que contenham detalhes, peripécias, surpresas, alegrias, suspenses que agradem e inspirem os leitores. Histórias que retratem vivências e experiências baseadas na realidade da criança e do adolescente. As histórias devem cumprir uma finalidade instrutiva; com um texto permeado de elementos que orientem o leitor a conduzir a própria vida. Que contenham personagens que apresentem características da própria espécie, sem humanizar os animais. Que contenham imagens que devem tocar a inteligência e os sentimentos do leitor. Que contenham situações reais, coerentes com a vida cotidiana, estimulando o leitor a pensar e encontrar soluções felizes. A linguagem do texto deve ser clara, atraente e adequada à faixa etária. Histórias que respeitem a liberdade de pensar, em aspectos religiosos e políticos, sem usar imagens que limitem esses conceitos. Histórias que reforcem a imagem dos adultos como colaboradores do processo da criança e do adolescente. Histórias que sejam bons exemplos para os leitores. Histórias que ressaltem os grandes valores e conceitos universais, como: Gratidão e fazer com gosto; Identificar dentro de si mesmos, o que podem se superar. Ensinar a respeitar e conviver com as diferenças e aprender com elas. Histórias que favoreçam as brincadeiras próprias da infância em equilíbrio das suas graduais responsabilidades.

A Conselheira 1 aponta os critérios como princípios que guiam o trabalho do Conselho Editorial, buscando com que os conteúdos:

Retratem vivências e experiências baseadas na realidade da criança e do adolescente, possíveis de serem comprovadas por eles. Cumpram uma finalidade instrutiva. Toquem a inteligência e/ou sentimentos do leitor. Promovam uma diversão sadia.

Priorizem a “verdade”, isto é, a realidade das coisas. Contenham situações reais, coerentes com a vida cotidiana, estimulando o leitor a pensar e encontrar soluções felizes. Respeitem a liberdade de pensar, em aspectos religiosos e políticos, sem usar imagens que limitem esses conceitos. Estejam adequados à faixa etária. Sejam bons exemplos, inspirando atitudes de bem. Ensinem a respeitar e a conviver com as diferenças e aprender com elas.

Podemos identificar nas entrevistas como o material oferecido para a criança requer muita atenção e como deve ser pautado em princípios que valorizem a infância e sua formação moral. As Conselheiras destacaram pontos importantes que comumente não são considerados em um livro infantil, como: não limitar a liberdade de pensar, estimular a inteligência, os sentimentos e o pensar em soluções que promovam a paz e o respeito ao outro, além de apresentar elementos que sejam úteis para a vida da criança.

Em consonância com nossa compreensão de que a criança precisa ser protegida dos elementos nocivos à sua formação moral e sensível, o Conselho destacou que é muito importante favorecer o que é real, verdadeiro e está dentro da realidade da criança, valorizando o bem, pois isso permite que ela possa experimentar e comprovar em sua vida o que ela lê nos livros, valorizar suas vivências, ao se identificar com a história e se sentir estimulada a superar suas próprias dificuldades. Outro aspecto a ser destacado é a imagem positiva do adulto como um colaborador na sua formação, abrindo um caminho para fortalecer os laços afetivos e a confiança da criança na família e em seus educadores, tão desgastados atualmente. Enfim, oferecer nos livros infantis elementos que sejam sempre exemplos edificantes para as crianças.

Na categoria de critérios, os pais responderam à seguinte pergunta: “Quais características você como pai/mãe destacaria como importantes nos livros para seus filhos?”

Pai: Características mais importantes: oferecer conceitos importantes para o caráter da criança; despertar a criatividade, mas sem fugir da realidade; oferecer elementos saudáveis para as crianças e que estimulem o pensar e o aprender de forma lúdica e divertida.

Mãe 1: Que os leve a compreender situações diversas, livros que possuem uma mensagem positiva, que ensinem valores, que possam me ajudar no trabalho em relação a algum aspecto específico, que os leve a pensar, a questionar.

Mãe 2: Considerando as idades dos meus filhos, 3 e 5 anos, acho importante que o livro ofereça uma leitura fácil, agradável, com ilustrações coloridas e divertidas, sem qualquer imagem que gere temor, que eventualmente contenha rimas ou poesias, que ofereça conceitos de valor para a vida, como por exemplo, conceitos de amizade, ligados à família, às boas atitudes, também relacionados à escola e à convivência entre colegas.

Mãe 3: Que sejam educativos e compatíveis com a idade e a realidade do meu filho. Que sejam divertidos, interessantes e atraentes a ponto de fazerem com que ele queira ler mais. Que tenham uma mensagem e/ou um conteúdo que seja relevante para sua vida.

Mãe 4: Penso que os livros devem ter conteúdos apropriados para a idade à qual são indicados; Ter uma linguagem apropriada para as crianças e adolescentes de forma que influenciem positivamente na sua formação; Apresentem conhecimentos que estimulem as boas ações, condutas de responsabilidade frente à sociedade; algo que na realidade individual possa ser reproduzido de forma positiva pelos jovens leitores.

Todos os pais afirmaram ser importante que os livros contenham valores de formação para a vida: “conceitos importantes para o caráter”; “mensagem positiva, que ensinem valores”; “conceitos de valor para a vida”, destacando valores como “conceitos de amizade, ligados à família, às boas atitudes, também relacionados à escola e à convivência entre colegas”; “mensagem e/ou um conteúdo que seja relevante para sua vida”, que “influenciem positivamente na sua formação” e “conhecimentos que estimulem as boas ações, condutas de responsabilidade frente à sociedade”.

Compreendemos que a literatura infantil não pode deixar de ser infantil, deve ser leve e atraente, propiciando a diversão da criança. Os pais destacaram esse aspecto ao citarem que os livros devem ser divertidos e atraentes, com linguagem e conteúdos apropriados para a idade, além dos elementos pedagógicos, que os estimulem a pensar, a questionar e a “compreender situações diversas”. Um pai mencionou que os livros infantis não devem fugir da realidade e, outros, que os livros devem conter elementos que possam ser reproduzidos de forma positiva, dentro da realidade da criança; outro pai citou que as imagens dos livros não devem gerar o temor na criança.

Os pais entrevistados que adquiriram os livros com o selo “Pedagogicamente Responsável” são pais que estão preocupados com os aspectos formativos de seus filhos e suas escolhas coincidem com o que o Conselho Editorial apresenta como princípios que regem os conteúdos dos livros infantis.

Ainda no tocante a categoria de critérios, as crianças entrevistadas responderam à seguinte pergunta “O que você gostou no livro?”:

Quadro 2 - O que você gostou no livro?

Criança 1	Livro “O menino que não queria dormir” A criança se manifestou rindo: A parte que a mãe fala assim ó: “Garoto travesso!”... Porque ele não tinha dormido... (Em seguida a criança contou a historinha do livro).
Criança 2	Livro 1 “A carteira recheada” (A história foi lida para ela se recordar antes de fazer a pergunta): Ele foi procurar o dono para devolver a carteira. Com ou sem o dinheiro? Com o dinheiro. Ele ficou na dúvida se tinha que devolver ou não? Ficou. Mas ele achou que tinha que devolver não é? É. E isso é importante? É. Livro 2 “Conchinhas para todo mundo” A menina pegou um tanto e ela queria pegar mais (conchinhas) e a avó dela falou pra ela deixar pros outros para também eles catar.
Criança 3	Livro 1 “As gêmeas que ficaram diferentes” Elas não podiam ser tão igual porque a mamãe ia confundir. (Em seguida contou a história). Livro 2 “Onde Deus mora, papai” (Contou a história do livro)
Criança 4	Livro “Tony & Nina” (Contou a história do livro, mostrando as figuras).
Criança 5	(Livro “As descobertas de Pedrinho” (Contou a história do livro, mostrando as figuras). Eu descobri que para acampar tem que ficar em lugares mais altos e também com pouca árvore. E também, quando faz a fogueira folhas secas, graveto e feno.
Criança 6	Livro “Onde Deus mora, papai” (A história foi lida para ele se recordar e perguntado se apreender sobre Deus é importante). A criança balançou a cabeça afirmativamente.

Ao iniciar as entrevistas, pensamos ser mais fácil começar com essa pergunta e quase todas as crianças, espontaneamente, começaram a nos contar a historinha do livro escolhido. Para as mais tímidas, nós nos oferecemos para ler. Essa atitude evidenciou o vínculo que se formou entre elas e o livro escolhido que continha o selo “Pedagogicamente Responsável”.

Na última categoria, sobre a influência do conteúdo dos livros infantis no desenvolvimento da criança, os dois Diretores evidenciaram que compreendem a influência dos conteúdos dos livros infantis no desenvolvimento moral da criança. O Diretor 1 explicou que “os livros simbolizam, por força da cultura e da escola, a expressão da verdade, da educação, do aprendizado e isso faz com que seu conteúdo tenha uma atenção e uma influência especial na vida não só dos pequenos quanto dos maiores”. Ele define um livro como

uma viagem para quem o lê. Seu texto e suas imagens permitem ao leitor construir mentalmente imagens dinâmicas e animadas pela imaginação. Tudo isso passa a fazer parte das vidas das crianças que usam estas imagens como referências para futuras atuações ou construções de pensamentos.

E destacou:

Acredito que a boa formação ética e moral está relacionada diretamente com os elementos que fazem parte do pequeno, mas fértil mundo mental das crianças e são justamente estes elementos que irão florescer na vida adulta. E não poderia ser diferente. Se dentro de uma criança só existem imagens violentas, mau exemplo, vingança e ódio, o que podemos esperar deste ser em sua vida adulta? Por outro lado, se ela tem claro, através de imagens eloquentes, o que é uma boa ação, conceitos positivos e exemplos práticos de como ser melhor e fazer o bem, podemos esperar um ser que repudia o egoísmo e a maldade e que vai buscar o caminho do bem.

Essa compreensão se soma à nossa de que é preciso oferecer bons elementos à criança, que a inspirem a fazer o bem, além da necessária proteção de elementos nocivos à sua formação moral e sensível, pois ela ainda está construindo o conhecimento do que é certo e do que é errado, sempre tendo o adulto como referência e em quem deve confiar.

Observamos também que o Diretor 1 compreende que os exemplos ficam como imagens e referências para as crianças, como citamos, e que “a criança é sensível às impressões do ambiente, reproduzindo o que aprende nas suas brincadeiras”. Para ele, “a influência dos livros na educação das crianças é tanto maior quanto maior é a presença destes em suas vidas”.

O Diretor 2 destaca que para a Educadora a “literatura deve oferecer ao leitor mirim, de forma lúdica e atraente, imagens edificantes que favoreçam a aprendizagem com o relato das vivências e peripécias que os personagens dos contos vivenciam”, além de “o pedagogicamente responsável espera que a inteligência e o sentimento do leitor mirim ou do adolescente retirem do relato aquela lição que diretamente os toca, devido às vivências e valores que já possuem”

Considerando-se a infinidade de materiais pedagógicos oferecidos às crianças, fica evidente a necessidade de um questionamento sobre os estímulos que os brinquedos, os jogos, os livros, as revistas, os filmes e os desenhos trazem para elas. Como destacado por La Taille (2007), há de se ter um cuidado maior com o que é oferecido à criança, pois ela não tem capacidade racional e afetiva para distinguir o que é bom do que é ruim, e o adulto precisa defendê-la, fazendo uma seleção.

A Conselheira 2 destaca a importância do cuidado com o conteúdo, ao analisar e aprovar os livros infantis e a oportunidade que o livro representa na formação do caráter da criança:

Nessa fase da vida do ser humano, a infância é onde se forma o caráter do adulto. Como crianças, eles recebem as primeiras diretrizes, as orientações que determinarão a sua formação. Aqui, as sementes são plantadas, para germinarem no futuro. E os livros fazem parte da vida de criança. Devem fazer parte. Suas histórias são exemplos vivos de condutas, de vivências, de como se pode viver e conceber a vida. Neles, as crianças encontrarão um refúgio e os elementos necessários para despertar em si mesmas a vontade de aprender, de crescer e de se tornarem adultos, seres humanos melhores. O conteúdo dos livros que as crianças têm contato é essencial para cumprir esses objetivos ou não. Se as crianças têm em mãos livros pedagogicamente responsáveis, estes poderão colaborar efetivamente na formação moral e espiritual

das crianças que, assim, com tantos elementos, crescerão e se tornarão seres capazes de fazer diferença para a Humanidade.

A compreensão da Conselheira 2 vem ao encontro da afirmação de Pereira, Frazão e Santos (2012, p. 3) de que “proporcionar às crianças o contato com a leitura, antes de tudo, é uma responsabilidade com a formação dos adultos de amanhã” e o cuidado com o conteúdo, é essencial.

A Conselheira 1 explica que “um ser humano é fruto dos estímulos positivos e sadios que recebe durante sua formação, especialmente na fase infantil”. E afirma que:

[...] a infância deve ser protegida e cuidada da mesma forma que se faz com uma planta que acaba de brotar para a vida. Necessita de uma terra sadia, de água e de luz para se desenvolver e crescer vigorosa, preparada para os vendavais que naturalmente ocorrem durante sua trajetória. A mente infantil necessita ser preparada e fortalecida introduzindo nela pensamentos potentes, pensamentos de bem, que pode encontrar nos diversos estímulos que recebe, seja no que vê, escuta, nos exemplos que observa, enfim, em tudo que está a sua volta.

Ela compreende que, se a criança “toma contato com cenas de violência ou imorais com frequência (seja nos filmes e programas que assiste, nos jogos eletrônicos, nas palavras que ouve, nos ambientes que frequenta etc.)”, poderá reproduzi-las mais tarde, pois as têm “de forma frequente e natural” em suas vidas. E acrescenta:

[...] se se planta na mente infantil o que há de mais elevado, puro e verdadeiro, sua sensibilidade estará mais protegida do mal, dando liberdade à sua inteligência para entender e discernir entre o que é bom e o que não é, entre o que é certo e errado. Ela vai, naturalmente, reproduzir o bem que sempre recebeu, e quanto mais, melhor. Não preparamos, afinal, nosso organismo para ter melhores condições no futuro, alimentando-o da forma mais adequada, consumindo o que há de mais natural e saudável possível? Ninguém oferece a um bebê uma comida pesada, bebidas alcoólicas na intenção de prepará-la para ter uma boa saúde quando adulto. Analogamente compreendemos que um ser humano é fruto dos estímulos positivos e sadios que recebe durante sua formação, especialmente na fase infantil. Daí a importância que conferimos à seleção do que se oferece à infância e juventude.

A colocação da Conselheira 1 evidencia o que afirmamos sobre a necessidade de proteger a criança de elementos nocivos a sua formação moral e sensível e a necessidade de que bons elementos estejam presentes, para que assimile o construtivo e elevado, pois, como afirma Vygotsky (1991, p. 36-37) a criança irá reproduzir o que aprendeu.

Na terceira categoria, os pais entrevistados destacaram a importância de bom conteúdo dos livros infantis no desenvolvimento da criança, ao apresentar os resultados observados em seus filhos:

Pai: Compreendo que o conteúdo positivo favorece o aprendizado da criança e sua formação moral.

Mãe 1: A partir do momento que o faz pensar e se colocar no lugar do personagem, ajudando-o a perceber que há sempre soluções mais felizes para seus pequenos e grandes desafios, o faz perceber que o bem vale a pena.

Mãe 2: Penso que o conteúdo de um livro infantil pode auxiliar na educação dos meus filhos na medida em que traz situações e conceitos que eles podem vivenciar na sua rotina. Como mãe, posso me valer de estórias dos livros para corrigir e orientar meus filhos. Por outro lado, o conteúdo do livro pode auxiliar no estímulo à prática da leitura. Além disso, como as crianças têm facilidade para gravar imagens e estórias, se leio um livro de conteúdo positivo reiteradamente para meus filhos, é provável que reproduzam as atitudes positivas que o livro veicula.

Mãe 3: Penso que a partir do momento que meu filho entra em contato com um livro, várias imagens vão sendo formadas em sua mente. Já o observei por diversas vezes fazendo comparações e relacionando o lido com experiências vividas no seu dia a dia. E com certeza algumas atitudes e opiniões foram influenciadas por personagens encontrados em suas leituras.

Conteúdos positivos são de grande valor quando quero trabalhar conceitos importantes para a vida.

Mãe 4: Penso que os livros têm o poder de influenciar e até interferir na vida interna, na mente das crianças e dos adolescentes. Quando a mente encontra afinidade com o tema tratado no livro, ele tem o poder de agregar àquela mente, elementos afins que podem repercutir na vida. Esse processo faz parte da formação humana. Por isso que um conteúdo positivo do livro ao encontrar afinidade com o interno da criança ou do adolescente pode repercutir de forma positiva em sua mente e conseqüentemente em sua conduta, uma vez que a conduta é o reflexo do que se tem dentro.

Todos os pais mencionaram que o bom conteúdo de um livro influencia seus filhos na aquisição de valores morais para suas vidas, por meio dos exemplos de conceitos importantes expressos nas atitudes dos personagens. Esses exemplos vão construindo internamente nas crianças suas referências morais, destacando que “a conduta é o reflexo do que se tem dentro”. Os pais também perceberam em seus filhos as atitudes positivas dos personagens, observando que eles se identificaram com as situações apresentadas nos livros, cujas realidades dos personagens são bem próximas do que seus filhos vivem em seu dia a dia. Assim, ressaltaram que os livros passaram a ser aliados na educação, tanto na orientação quanto na correção dos filhos, ajudando-os a transmitir elementos importantes como “que o bem vale a pena” e que “há sempre soluções mais felizes para seus pequenos e grandes desafios”.

Como propiciar que uma criança avalie os resultados do conteúdo positivo de um livro? Após perguntar a cada criança o que aprendeu com o livro, fizemos a seguinte pergunta: “Este livro pode ajudar outras crianças, aprendendo o que você também aprendeu?”:

Quadro 3 - Este livro pode ajudar outras crianças, aprendendo o que você também aprendeu?

Criança 1	Sim. É...
Criança 2	Livro 1 “A carteira recheada” A criança balançou a cabeça afirmativamente. Livro 2 “Conchinhas para todo mundo” A criança balançou a cabeça afirmativamente.
Criança 3	Livro 1 “As gêmeas que ficaram diferentes” Sim. Livro 2 “Onde Deus mora, papai” Sim. (E repetiu o que aprendeu na escola): Melhores atitudes, melhor humanidade.
Criança 4	Livro “Tony & Nina” Aham! Porque é interessante o livro. Ensina sobre as pessoas que tem dificuldade. Aprender isso pode fazer diferença na vida de outra criança? Vai. Fez na sua? Fez. Quando você vê uma criança com dificuldade como você faz agora? Eu olho para ela e penso assim: é triste essa pessoa ter dificuldade, mas ela é igual a gente, ela pensa do mesmo jeito.
Criança 5	Livro “As descobertas de Pedrinho”? Vai! Se a criança tiver medo de escuro, ler esse livro vai ajudar a ela? Vai. Mesmo se não tiver o vagalume dentro do quarto não precisa ter medo do escuro. Porque o escuro não tem monstro, não precisa de ter medo, porque o escuro é sempre a mesma coisa que tem de dia, só que no escuro. Se a gente ler livros bons, a gente pode mudar o jeito de a gente ser? Sim. Aprende.
Criança 6	Livro “Onde Deus mora, papai” A criança balançou a cabeça afirmativamente.

Todas as crianças responderam afirmativamente à pergunta. Duas delas desenvolveram mais as respostas, outras confirmaram timidamente, sorrindo, e ainda outras, responderam um “sim” com firmeza!

Cada entrevista sobre o livro, na forma de conversa com a criança, nos mostrou que ela gosta dos livros que levam a mensagem positiva e, ao reler o livro, de forma alegre e natural, ressalta o elemento aprendido, não apenas para ela, mas para outras crianças também.

Pudemos observar que os critérios apresentados pelo Conselho Editorial repercutiram positivamente na vida das crianças, como, por exemplo, ao oferecer elementos verdadeiros e dentro da sua realidade, elas conseguiam se identificar com os personagens e levar o elemento para suas vidas. Outro ponto a destacar é o de apresentar valores e conceitos universais nos exemplos dos personagens que, ao tocarem a inteligência e a sensibilidade das crianças, as inspiram a reproduzi-los em suas vidas, tomando os exemplos dos personagens como referência de conduta positiva.

Assim, é nossa compreensão que o conteúdo dos livros oferecidos à infância precisa de atenção: cuidar para que os personagens possam inspirar o cultivo de valores morais e uma ética elevada, com princípios de bem e de justiça, trazendo elementos positivos de referência para a construção e o desenvolvimento do potencial humano, personagens que sejam exemplos de conduta ao ensinar como se manifesta um valor na convivência com a família, na escola ou com os amigos. Essas são imagens de valor que tocam sensivelmente a criança. São também

aspectos que a Associação Educare contempla em seu trabalho de cuidar do conteúdo dos livros e que se comprovam nas respostas dos próprios pais, em suas vivências com seus filhos, assim como pelas nossas observações das crianças durante as entrevistas. Esse cuidado se mostrou de grande valor e com reais repercussões na vida das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do levantamento da literatura apresentado, nos resultou a inquestionável necessidade de se cuidar do conteúdo dos materiais direcionados para o público infantil. É um direito da criança ter garantida a sua proteção. O adulto tem o dever moral de cuidar da criança, preservando a pureza e a alegria que lhe são naturais, e protegendo-a, em razão de sua incipiência e falta de defesa de agentes nocivos ao seu sentir.

O trabalho realizado pela Associação Educare evidencia como a criança responde aos elementos positivos recebidos. Se nós, educadores, projetamos uma sociedade com seres humanos mais felizes e com atitudes mais nobres, devemos oferecer elementos de valor à infância. Portanto, o cuidado do adulto com o conteúdo dos materiais que são oferecidos à criança deve estar balizado por princípios como os de bem, justiça, honestidade, lealdade, tolerância, discrição, generosidade, afeto, respeito e gratidão. Esse conteúdo apresentado para a criança e mediado pelo adulto será uma inspiração para que ela cultive valores que irão formar a sua moral firme e elevada.

A experiência relatada demonstrou como esse cuidado repercute positivamente nas crianças e os resultados alcançados com os livros infantis são importantes referências do que também é possível realizar com outros materiais infantis, como as revistas, os jogos, os brinquedos e os desenhos.

Compreendemos que a escola poderia colaborar intensamente nesse movimento de percepção e seleção do que é oferecido às crianças para lerem, assistirem ou brincarem, cumprindo um importante papel ao orientar as famílias neste trabalho.

Por fim, o artigo pretendeu também motivar a produção de novos materiais infantis, como os livros de histórias contendo bons exemplos de conduta e de convivência, que objetivam o nobre trabalho de auxiliar no desenvolvimento do potencial humano desde a infância.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Vivian Carvalho de. *Reflexões sobre o brincar na Educação Infantil*. 2010. Disponível em: <http://www.cmjf.com.br/revista/materiais/1215525080.pdf> Acesso em: 01 fev. 2016.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes; PROENÇA, Michelle Alves Muller; JESUINO, Mirtes dos Santos. A historicidade do lúdico na abordagem histórico-cultural de Vigotski. In: *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim/MS, v. 1, n. 2, p. 225 – 238, jul./dez.2010. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=a+historicidade+do+ludico> > Acesso em: 08 dez 2015.
- EDUCORE. Site da associação. Disponível em: <<https://www.educore.org.br/>> Acesso em: 18 maio 2017.
- GIL, Antônio Carlos. *Como classificar as pesquisas*. 6. ed. Editora Atlas, 2008. Disponível em:< <https://eccescrpta.wordpress.com/2014/01/21/como-classificar-as-pesquisas/>>. Acesso em: 24 maio 2017.
- GONÇALVES, Marco Antonio. Educação para a paz num contexto hipermoderno. In: *ANAIS... IX ANPED Sul*. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/272/85> > Acesso em: 16 ago. 2016.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>>. Acesso em: 04 fev. 2016.
- LA TAILLE, Yves de. *As crianças notam contradições éticas*. Entrevista Revista Época, 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI229202-15228,00-YVES+DE+LA+TAILLE+AS+CRIANCAS+NOTAM+CONTRADICOES+ETICAS.html>> Acesso em: 24 março 2017.
- LA TAILLE, Yves de. **Conflito, Violência, Moral e Ética**. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JnU8JA_QHoo Acesso em: 24 mar. 2017.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 320 p.
- MARCONI, Pequeno. *Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. Sujeito, autonomia e moral. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p.196. Disponível em: <<http://www.memoriaenelmercosur.educ.ar/wp-content/uploads/2010/04/cap2artigo5.pdf> > Acesso em: 24 mar. 2017.
- PEREIRA, Eliana de Jesus; FRAZAO, Gabrielle Carvalho; SANTOS, Luciana Castro dos. *Leitura Infantil: O valor da leitura para a formação de futuros leitores*, 2012. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2162/1359>> Acesso em: 24 mar. 2017.
- VÁZQUEZ, Adolfo S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. A memória e o ato de pensar. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 36,37 e 38. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2017.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 205.